

**DOZE
SEGREDOS
DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

MARCO NEVES

NÃO FICÇÃO · LÍNGUA PORTUGUESA

ÍNDICE

PREFÁCIO: OS FALANTES RESPEITADOS	13
INTRODUÇÃO	17
O português como nunca o viu: doze segredos da nossa língua	17
Quem tramou a língua portuguesa?	19
O que fazer com esta língua?	20

PRIMEIRA PARTE A LÍNGUA E A TRIBO

SEGREGO N.º 1: A PALAVRA «SAUDADE» TEM TRADUÇÃO	27
Como traduzir a palavra «saudade»	27
Como traduzir palavras intraduzíveis	29
As palavras que fazem falta à língua portuguesa.	34
SEGREGO N.º 2: OS LISBOETAS TAMBÉM TÊM SOTAQUE.	36
Existe um sotaque de Lisboa?	36
O sotaque do Porto está errado?	37
Por que raio todos falam lisboeta nas telenovelas?	38
O choque de palavras nos primeiros anos de faculdade.	40
SEGREGO N.º 3: A LÍNGUA TAMBÉM SERVE DE PINTURA TRIBAL.	47
Da guerra na Ucrânia ao acordo ortográfico (passando pela Galiza)	47
Do fundamentalismo ortográfico	56
Porque escrevemos <i>nh</i> e os espanhóis <i>ñ</i> ?	58
O que é o tribalismo linguístico?	60
Lugares-comuns da língua	64
Proximidades sem ilusões.	67
As línguas são o menor dos nossos problemas de comunicação	68

SEGUNDA PARTE
A FAMÍLIA DA LÍNGUA

SEGREDO N.º 4: HÁ MAIS DO QUE UMA LÍNGUA EM PORTUGAL	73
As dez línguas de Portugal	73
Há línguas piores do que outras?	78
A sorte de cada língua (e a razão por que os verbos chineses são tão simples)	79
SEGREDO N.º 5: O GALEGO É BEM CAPAZ DE SER O PAI DA LÍNGUA PORTUGUESA..	89
O pai da nossa língua não é o latim	89
Couto Misto: um pequeno país entre Portugal e a Galiza.	90
Dez nomes de línguas de Espanha (incluindo o português)	95
A língua portuguesa num Portugal espanhol	99
Qual é o nome da nossa língua? Será galego?	101
O que ouvem os portugueses quando ouvem galego?	103
E se de repente encontrasse uma língua quase igual à sua?	105
Porque insistem os galegos em falar galego?	107
O medo do galego.	109
A relação erótica entre línguas	112
SEGREDO N.º 6: O PORTUGUÊS DO BRASIL NÃO FAZ MAL A NINGUÉM	114
Os brasileiros, os galegos e os portugueses	114
O português do Brasil aleija os portugueses?.	116
Os brasileiros têm sotaque e os portugueses não?	118
«Tenho aversão a ler em brasileiro.»	120
O português do Brasil é falso?	122
«Saudade»: uma palavra genuinamente brasileira?	125

INTERVALO: A LÍNGUA E AS CRIANÇAS

O meu filho a falar	130
Os meus sobrinhos e as palavras difíceis	132
Os primos e as palavras à distância	133
As crianças precisam de palavras como de vitaminas	134

TERCEIRA PARTE
O VÍCIO DO PÂNICO

SEGREDO N.º 7: HÁ QUEM INVENTE ERROS DE PORTUGUÊS QUE NÃO EXISTEM.	139
---	-----

Os profissionais do pânico	139
«O comer está na mesa!»	142
«Ora, “o comer” está errado porque [introduzir regra inventada à pressão]»	145
«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»?	148
Quem diz «lol» devia ser castigado?	150
«Não há nada» e «espaço de tempo»: a lógica simplista dos paniqueiros da língua.	152
Vocês não se ofendam!	156
«Quería ou quer?» — A lógica da batata dos polícias da língua.	157
«Obrigada» e «copo de água»: erros de português?	159
SEGREDO N.º 8: TODOS NÓS DAMOS ERROS DE PORTUGUÊS.	163
E agora, algo completamente diferente: erros verdadeiros!	163
Devemos apontar publicamente os erros de português dos outros?.	166
A irresistível tentação de corrigir o português dos outros.	168
O erro de Canavilhas e o cérebro humano.	170
O meu estranho cérebro confunde «tomar banho» com «tomar café»	172
Erro ou gralha?	175
Por que razão tantos desprezam os linguistas?.	177
SEGREDO N.º 9: O PORTUGUÊS NÃO ESTÁ A IR DESTA PARA MELHOR	182
Vogais há muitas (e não se fala cada vez pior)	182
Será que temos um vocabulário mais pobre do que antigamente?	185
Estarão os jovens a destruir a língua?.	191
Eça escrevia com erros ortográficos?	193
Saramago não sabia escrever português?.	195
A falsa catástrofe da língua portuguesa	198
A notícia da morte do português é um pouco exagerada	202
Está tudo bem com a língua portuguesa?	205
SEGREDO N.º 10: A INTERNET NÃO ESTÁ A DAR CABO DO PORTUGUÊS (SÓ DA NOSSA PACIÊNCIA).	207
A Internet está a dar cabo do português?.	207
Porque vemos tantos erros de português no Facebook?	209
SEGREDO N.º 11: DIZER PALAVRÕES FAZ BEM (MAS NÃO DIGA A NINGUÉM).	212

QUARTA PARTE
O QUE FAZER COM ESTA LÍNGUA?

SEGREDO N.º 12: PARA ESCREVER BEM, NÃO BASTA EVITAR OS ERROS.	221
Escrever é falar às cegas	221
Como ler de forma generosa	222
Como desemperrar a escrita	224
Três passos para escrever melhor	225
Dez dicas para usar melhor a língua portuguesa	229
(ou qualquer outra língua, para dizer a verdade)	229

PREFÁCIO

OS FALANTES RESPEITADOS

Este livro começa com uma advertência: ele pode fazer confusão a pessoas habituadas ao pânico. Leu bem, mas eu repito: este livro pode fazer confusão a pessoas habituadas ao pânico. Temos aqui um livro perigoso, portanto? Nem mais. Ele próprio o reconhece. Trata-se de pessoas, importa esclarecê-lo, em pânico *linguístico*. Aquelas que andam numa aflição à ideia de darem erros, aquelas para quem tudo no idioma ou está perfeito ou está inteiramente errado, aquelas também que se pelam – sim, essa perversão existe – por apontarem, a quem lhes passa resvés, as insanidades (reais e, o mais das vezes, fantasiadas) que calhou cometer. Em suma, gente para quem o idioma é um campo de minas infundável e, não se diria, bastante aprazível.

Mas há outro público. É o daqueles para quem o português de hoje não é pior que o de ontem, e talvez seja mesmo melhor, porque temos todos mais fácil acesso a exemplos da boa expressão, porque temos à disposição meios que induzem à correção, à elegância, e até à criatividade, ou porque, quem sabe, somos agora mais cuidadosos, ou mais exigentes, ou mais avisados.

É isso. Uma pessoa pode manter com o idioma uma relação de conflito, tortuosa, sim, perversa, a amargar-lhe a existência, a sua e a de outros... E pode, bem longe disso, permitir-se o prazer, e

mesmo a euforia, de desfrutar a mãos-cheias dessa fortuna que quanto mais a gastamos mais ela cresce, a nossa língua materna.

Marco Neves encontrou a forma de nos tornar tudo isso nítido. Explica-nos, em linguagem muito directa, muito confrontadora, e por isso muito estimulante, como o idioma funciona, como os mitos à volta dele se desenvolveram, como há, nestas matérias, sempre uma surpresa onde julgávamos já tudo dito, e como a visão menos elaborada é por vezes a mais respeitadora das justas proporções. Mais do que tudo: é visível, nele, a preocupação em que andemos devidamente *informados*, até porque o conhecimento aqui envolvido é dos mais formativos, dos que mais seguramente encaminham, e não raro dos mais apaixonantes.

No actual panorama de publicações, quase sempre pouco habilitadas, que exploram a histeria do «erro», este livro pode dizer-se um golpe de magia. Agora que ele existe, é como se aqui tivesse estado sempre. E estava, claro. Estava na nossa apetência, na nossa vontade de ouvir quanto aí se ensina, no nosso estatuto de falantes que, afinal, só esperam respeito.

Fernando Venâncio

INTRODUÇÃO

O PORTUGUÊS COMO NUNCA O VIU: DOZE SEGREDOS DA NOSSA LÍNGUA

O primeiro segredo, revelo-o já: a palavra «saudade», afinal, não é só nossa. Vá, não sejamos invejosos. Partilhamo-la, pelo menos, com os brasileiros — e até com os galegos (se alguém a inventou, foram esses nossos vizinhos do Norte).

Mesmo os outros povos, se não tiverem uma só palavra para descrever o sentimento, podem usar uma frase ou outra para chegar ao mesmo sítio.

Sim, eu sei, para muitas pessoas, esta é uma ilusão que custa perder: gostávamos que a saudade fosse só nossa. No fundo, gostamos de nos sentir diferentes dos outros povos.

Talvez por isso achamos que a barreira das línguas é muito difícil de ultrapassar. E, no entanto, há outra barreira, de que falo na primeira parte do livro, bem mais forte — e que surge a todo o momento mesmo entre pessoas que falam a mesma língua. Estou a falar do tribalismo, essa tendência universal de nos separarmos em grupos — seja na política, no futebol, no dia-a-dia... Ora, as línguas são uma ótima forma de nos distinguirmos dos outros grupos, mesmo quando até compreendemos os outros muito bem. Veremos isso no segredo n.º 3...

Ora, adiante. Se o leitor ficou surpreendido com a «saudade», que, afinal, tem tradução, tenho de dizer que há mais ilusões a estilhaçar. Então não é que o português tem um parente escondido no sótão? Nada mais, nada menos do que o tal galego, uma língua bem mais próxima do que muitos portugueses gostam de admitir. Que relação tem essa língua com a nossa? Há quem diga que é irmã, outros dizem que é mãe. Ou pai, o que vai dar ao mesmo. Há até quem se atreva a dizer que, no fundo, aquilo que temos no sótão é um espelho: a língua que se fala para lá do rio Minho é a nossa, com outro nome.

Diga-se o que se disser, a verdade é que os portugueses desprezam activamente tal parente, que, coitado, não merece tal sorte.

Já o outro parente, emigrante na América do Sul, não é desprezado, mas mete um certo medo. O português do Brasil faz-nos alguma confusão. Ou bem que dizemos «brasileiro» para marcar distâncias, ou não nos importamos de manter o mesmo nome, mas logo acrescentando que é «português deturpado». Um disparate pegado. Convém ter mais respeito pela própria família...

Curiosamente, é mesmo possível olhar para o português do lado de lá como uma língua separada — já há muito bom e respeitado linguista que o faz, sem, no entanto, inventar esse nome de «brasileiro» (o nome será sempre uma decisão política). Seja como for, o horror português ao português do lado de lá é apenas uma limitação mental que não serve a ninguém. Mesmo que seja outra língua, ler autores brasileiros e não sentir aversão à língua que se fala nesse gigante sul-americano só pode fazer bem.

Sim, é verdade, o acordo ortográfico só veio dificultar as coisas (o que não deixa de ser muito irónico, de uma ironia muito pouco fina). Mas esqueçamos o monstro e concentremo-nos no que é bom.

Continuamos a despedaçar ilusões. Pois aqui vai outra: a língua portuguesa não é a única a viver nesta casa a que chamamos Portugal. Mais lá para a frente, neste livro, falo das 10 (!) línguas

portuguesas. Sim, pode ser um exagero, mas é bem verdade que o português não é a única língua de Portugal — e nem o mirandês chega para fechar a contagem.

É para descobrirmos tudo isto que, na segunda parte deste livro, temos vários textos sobre os familiares da nossa língua. E veremos ainda como a língua, no fundo, também serve de pintura tribal...

Ah, mas nem só de segredos familiares se fazem as surpresas da nossa língua. Também anda a polícia ao barulho.

QUEM TRAMOU A LÍNGUA PORTUGUESA?

Muitos dos artigos e dos livros sobre a nossa língua mais parecem policiais — há sempre culpados: são os jornalistas que já não sabem escrever, é a Internet que anda a matar o português, são os jovens que ninguém os percebe, às vezes até os professores e linguistas levam por tabela. Nesses policiais, há também muitas pistas: os imensos erros que se coligem em sedutoras listas — e há sempre a mesma vítima: a língua portuguesa, que por estes dias, a crer nesses policiais, já devia estar morta e enterrada.

Presumo, por isso, que muito do que se diz neste livro faça um pouco de confusão a pessoas habituadas ao pânico e ao medo. Afinal, defendo que a língua é rija e aguenta-se bem à bronca... Digo que «o comer» até nem é erro de português (mas pode ser muito malvisto em certas famílias), que não faz mal dizer «espaço de tempo», que dizer «saudades tuas» está correctíssimo — e por aí fora. Até me meto com aqueles que dizem a famosa piada «queria — ou quer?». Espero que não levem a mal.

Não é que não haja por aí muito erro. Mas também há muito detective amador, que não sabe investigar a língua como deve ser. Ainda por cima, com tanta pista falsa que encontra, acaba convencido que o mundo está cheio de assassinos da língua pátria. Não,